



O Gaiato

13 DE MAIO DE 1972

ANO XXIX — N.º 735 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Doutrina

«Amigos e irmãos:

Toda a leitura do vosso último número me deixou numa inquietação enorme!

Aí vai um pouco do que é nosso para ajudar a maior necessidade, com toda a amizade duma vossa leitora.»

Enquanto bate o coração, a vida é. Quer dizer: a vida depende deste movimento periódico, desta oscilação permanente. Quando ela cessa, é a vida que termina.

A pulsação das almas é a inquietação.

— O que é o homem sem inquietação?

— Talvez um animal saudável... Seu coração uma víscera...

Mas quando falamos em coração, a respeito do homem, porventura não queremos significar um conteúdo infinitamente maior, essencialmente diverso de coração de boi ou de galinha?...

Não falamos, pois, da pulsação dessa máquina perfeita e fundamental que é o coração,

senão analogicamente. A inquietação é um sinal de que somos maiores do que o mundo; de que estamos nele, mas não somos dele — porque ele, sim, é que foi feito para nós e nos é dado. De modo que nunca no mundo podemos encontrar satisfação completa.

Sempre nos esbarraremos com interrogações que à nossa reflexão pertence aprofundar. Por ela reconhecemos a nossa contingência e somos levados à contemplação do Ser Necessário, em Quem, e só em Quem, encontramos resposta — às vezes, apenas princípios de resposta... — que nos permite intuir o sabor da satisfação perfeita que o mundo não tem dimensão para nos dar.

O homem inquieto é aquele para quem a vida (de que o coração-visceral é simples motor) é trampolim de que se projectará mais além, na Vida para que nascemos e que estará na meta da vida por onde, aqui e agora, transitamos.

O homem inquieto é aquele que sofre, consciente e amoroso, mortes de que falava Pai Américo na sua última Festa no Coliseu do Porto: «É o coração que mata a gente. Mata!...

Cont. na TERCEIRA página

Não há dúvida de que as condições sociológicas evoluíram e transformaram algo a face do problema da habitação, sem o abolir, pois ele não deixou de ser um angustiante beco sem saída para um número enorme de Famílias portuguesas.

O Património dos Pobres é uma solução para os indigentes e uma solução eminentemente rural.

Compreende-se que, com a deserção da Província, sobretudo das zonas mais pobres, para as grandes cidades ou para o Estrangeiro, há menos gente e um bocadinho mais de dinheiro, que de fora vem para os velhos, mulheres e crianças que ficaram.

Nas cidades, o que há de Património é relativamente pouco e aí é mais uma amostra da Obra, muito prestante naquela época em que ela cresceu vivamente por esse País em fora. Mas, repito que a solução é eminentemente rural, até porque nas cidades era utópico construir sem aglomerar, o que é contrário ao pensamento de Pai Américo, muitas vezes revelado ao falar das casinhas dos Pobres misturadas com as dos remediados e dos ricos para evitar ghettos e facilitar aquela ajuda mútua e fraterna que convém aos homens e é dever dos cristãos.

Também nas cidades as condições mudaram. Há maior facilidade de trabalho. E, sobretudo, aquelas Famílias numerosas que receberam a título precário e gratuito uma casa do

PATRIMONIO DOS POBRES



Património, quando ela foi feita, têm hoje os filhos criados e auferem salários globais razoáveis. Não é, pois, justo (nem conforme ao Estatuto do Património dos Pobres) que permaneçam. Devem ceder a casa a outras Famílias actualmente mais necessitadas.

Porém, às vezes levantam-se-nos graves problemas de consciência: — Para onde hão-de ir estes que já não estão em circunstâncias de casa gratuita, se não encontram no mercado da habitação, uma casa capaz de comportar a Família por um preço proporcionado ao salário do conjunto?

Deixá-los estar na mesma? Cobrar-lhes renda?

Favorecer-lhes a aquisição daquela casa ou a construção de outra?

Eis problemas que hoje se levantam a quem ontem inaugurou despreocupadamente as casitas do Património da sua Paróquia e que não deixa de lhes reconhecer ainda hoje o seu alto préstimo social. Contudo, problemas reais com que muitos se debatem em procura de uma resposta.

Ainda há semanas estivemos em Aveiro, com o seu Bispo e com todos os Párocos que têm casas do Património. Claro que cada caso arrasta sempre um mundo de problemas humanos

Cont. na TERCEIRA página

MALANJE

Hoje recebi uma senhora com um pequeno pela mão. E falou:

— O pai teve uma companheira e este filho. Quando casou na Metrópole pôs o caso à esposa que aceitou o menino com relutância. Vieram os filhos dela. O pequeno de cor começou a ser tratado pela madrasta como inferior, como coisa que não presta e não tem direito. O pequeno não suportava e ao pai custa. Queríamos ver se o pequeno ficava cá.

— Tenho muita pena... Tudo cheio... Tens que voltar para tua casa.

— Para casa não! — disse o rapaz cheio de decisão.

Como sons de sinos em quebradas fundas, ressoa dentro de mim o «para casa não».

X X X

Foi perto de Calulo, na fazenda do casal Bikhman, uma família de nacionalidade alemã.

Tem uma grande fazenda de gado. Todos os anos lá vou por uma vitela que me dão e todos os anos peço a Deus que lhes multiplique as manadas.

Quando lá cheguei, deparei na varanda da casa com um pretinho num rico berço com

paninhos brancos e bordados. Fiquei surpreso.

— Onde arranjaram este amor?

— Uma senhora morreu de parto e vendo que o pai não sabia nem podia tratar do menino, trouxemos para casa e estamos loucos com ele.

Neste momento já a filha o tinha ao colo como o irmão mais novo.

O amor vence todas as barreiras... Também, as barreiras da cor.

X X X

Foi na Gabela, em casa duma família amiga. Vi uma pequenita de cor ser acarinhada como irmã por três jovens filhas do casal. E perguntei:

— É vossa afilhada?

— É nossa irmã.

A mãe esclareceu:

— É filha de meu marido. Soube do caso e fui à sanzala por ela. Agora é o nosso amor mais pequenino. Quero-lhe como filha. Os irmãos estragam-na de mimos.

Admirei silenciosamente aquela mulher, abnegada, grande. Pus a pequenita nos joelhos e beijei-a consolado.

Padre Telmo



«Que lindo! Tudo tão bem tratado!» — exclamam os visitantes. É obra dos «Batatinhas»...

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

OBRAS — Começaram as obras na nossa Tipografia. Já não era sem tempo — porque estavam a saturar os acabamentos no nosso hospital! Mas o que interessa, e em especial aos tipógrafos, é que a oficina leve uma modificação: divisão do armazém do papel para a Monotype-super e sala de aulas tecnológicas. A composição vai ter cavaletes novos, de que já estava a precisar há muito!

Festas

A nossa romaria pelo centro tem continuado. De todas as terras trazemos saudades, tal é o carinho com que nos recebem, tais são os mimos que nos dão. Partimos sempre com a convicção de que também deixamos saudades. **Então até para o ano!** Os mais apaixonados vêm refilar de que havíamos de ir uma vez por mês. E partimos sempre a sorrir.

A romaria está a chegar ao fim. Têm vindo recados de terras distantes, mas somos obrigados a dizer que não. A vida não permite mais festas para este ano.

Padre Horácio

x x x

Esta quinquena serão:

V. Nova de Ceira — 14 de Maio
Mira (C.do Povo) — 20 » »
Coimbra (Avenida) — 21 » »

VISITANTES — Hoje, dia 30 de Abril, em nossa Casa, o ambiente parece daqueles dias de verão, embora o tempo esteja chuvoso. Mas, ao que parece, os nossos visitantes nem mesmo assim faltam. E estiveram em grande número. A maior parte eram rapazes e raparigas de várias paróquias. O mesmo aconteceu durante a semana. Ficamos contentes pelo interesse da Juventude pela nossa Obra.

Um pedido que gostava de fazer aos nossos visitantes: manterem sempre tudo limpo, não deitando papéis no chão e outras coisas que dão mau aspecto.

FUTEBOL — No último domingo realizámos mais um encontro. Saímos vencedores. Foi um pouco difícil por via do mau tempo. E pela ausência, por doença, de um dos nossos elementos. Saímos vencedores por 2-1. Ao intervalo, 1-1.

Nota interessante: É costume, quando há desafio cá em Casa, os nossos que já vieram da tropa jogarem. Mas no domingo de manhã, à hora do pequeno almoço, o nosso treinador começou a fazer a lista dos jogadores e perguntou aos que regressaram da tropa se queriam jogar. Como estava a chover começaram as desculpas. Um tinha que ir ao Porto, outro doía-lhe a perna. Um isto, outro aquilo. Desculpas... Não está bem! Ou jogam, ou então não jogam — porque os mais novos só têm vaga na equipa quando está a chover...!

LAVOURA — Este ano os nossos homens do campo resolveram plantar o cebolo mais tarde. Aconteceu ficar todo queimado! Estamos a ver que se quisermos ter cebolas temos de as comprar a bom preço — o que se podia evitar...

Luís Nunes Marques

Um pedido

Poucas vezes me dirijo a vós e sempre que o faço é para pedir. Começo, receoso, conversas com o título desta. Acreditem-me: custa pedir. Não sei porquê, tenho tanta aversão a esse verbo. Porém, este é pequenino, embora represente muito para quem o faz. Pede quem necessita!...

Quase todos os Rapazes da Obra sentem certo orgulho em possuir os «frutos» literários de Pai Américo. Não só por serem dele, Pai, mas também, e particularmente, porque são dum valor incalculável para os que querem amar os outros e educar os seus na liberdade-responsabilidade e no desprendimento dos bens terrenos. O ambicionar um Lar feliz que atenua a dor de criança, exige muito esforço, não só físico como moral. As tentações são tantas!... Um pequeno descuido e estamos a procurar o fácil, que conduz à perdição. Temos que ter sempre presente uma luz que nos afaste das trevas donde temos origem. Para nós, quando na maturidade, os escritos de Pai Américo são o que há de mais sublime em matéria de educação. Poderia ele não aliar a teoria à prática, muitas vezes não era possível, segundo opinião de alguns Rapazes do seu tempo, mas isso que importa?! O certo é que, mesmo com muitas arestas que a sua condição de homem não permitiu aperfeiçoar, nos legou uma vasta gama de teorias-práticas que fazem da nossa Obra uma realidade profunda no campo educacional.

Foi, pois, com certa tristeza que ao passar os olhos pela minha coleção dos seus livros, notei faltar-me o «Viagens». Procurei todos os cantos de nossa Casa, em sua busca, mas em vão! Não há nem um para

amostra! Fiquei desolado e pensei recorrer a vós. Acreditava haver um leitor amigo com um «Viagens» de sobra na sua coleção, pronto a atenuar minha melancolia. Porém, com o encontro de nova etapa da minha vida, o cumprimento do dever militar, acabei por cair no esquecimento.

Hoje, ao abrir «O Gaiato», caiu a meus pés um postal-requisição, que não só me «aguçou o apetite» como despertou minha coragem para vir «aborrecer-vos». Sei que alguém tem um «Viagens» de sobra e mo ofertará! Estarei enganado? Não acredito! Os vossos cuidados não nos permitem desilusões!

Parece que para um pedido me alonguei um bocadinho. Fico-me por aqui com um obrigado sincero! Ah!, os que responderem ao meu apelo, sejam claros, se não fico a «chupar no dedo», tal a sua procura.

Manuel António

CALVÁRIO

MEIO SÉCULO

Fui agradecer e implorar novas graças, Em espírito até junto do Sacrário, E dizer que me sentia feliz no Calvário.

Senhor, já completei 50 anos.
Desde criança mora em mim a dor.
Ajudai-me a levar a minha cruz,
[Senhor.

Pareceu-me ouvir Jesus:
— Estou aqui para ajudar-te
A levar a tua cruz.

Coragem! Outro meio século
Vais começar.
Vem muitas vezes ao Sacrário
Pedir forças para todos que vivem
[no Calvário.

Obrigada, Senhor Jesus.
Com a tua ajuda levaremos
A nossa cruz,
Com alegria, Jesus.

Abençoai este lugar tão encantador,
Que é comparado ao Jardim das
[Oliveiras.
Em cada leito ou cadeira de rodas,
Uma humana flor.
Na nossa frente uma coroa de espinhos
Comparada à do Senhor.

Duma doente que recuperou

Lar do Porto

CONFERENCIA

Coméço por vos contar, direi melhor, pedir desculpa de escrevermos tão pouco e tão longinquamente. O certo é que temos sido culpados; eu próprio pequei. Também sou culpado. Perdoem-me.

Há momentos difíceis de tudo e para todos, e todos aqueles que se dizem isentos dessas mesmas dificuldades, esses mesmos, por mais insignificantes que sejam esses obstáculos, os sentem.

Nós, a nossa Conferência, também as sentimos. Uma dificuldade de sobrevivência. Porquê? O problema por mais incomplexo que se nos apresente acarreta-nos a todos nós graves problemas de não poder auxiliar todos aqueles que de nós necessitam. Também precisamos deles. O nosso pequeno grupo é por nós visto hoje como um aglomerado preto, onde não sabemos onde está aquela ponta do fio e o fazer passar por nós.

Estamos muito gratos pela ajuda material com que fomos presenteados pelo NATAL e pela PASCOA, a qual distribuímos por todos os nossos Pobres. Foram felizes com o pão e as amêndoas!

Foi há meses que o problema se começou a obscurecer. A carência era tanta que nos descontrolámos...

Estamos em conflito para sustentar tantos e tantos que foram bafeados de infortúnio e que vivem uma vida de carestia. Precisamos de os amar mais.

Estou certo que terão compreendido a verdadeira extensão do problema.

Amigo, tu que escutas e queres transformar os outros, faz-nos renascer. Envia-nos a tua ajuda.

Deus te agradecerá.

Adriano Fernandes

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

DONATIVOS — Durante a quinquena, lembraram-se dos nossos Pobres os seguintes amigos:

A frente, Santarém: «A pedido de meu irmão Dr. X, residente na Beira (Moçambique), enviei um vale de 100\$00 para a Conferência de Paço de Sousa».

De Leiria uma assinante da Editorial com uma nota para acerto de contas, recomendando para se retirar «alguma coisita» para os nossos Pobres.

Lamego com 20\$00.
Porto um cheque de 100\$00, de assinante 12321.

Da Murtosa, o remanescente do «Isto é a Casa do Gaiato» e «pedindo orações, por minha intenção, para que Nosso Senhor me dê cada vez mais conformação com a Sua santa Vontade». Luz da Luz!

O assinante 18223, presente com a cota do 1.º semestre do ano corrente: 60\$00.

De Ovar, outra migalha, recomendando uma lembrança ao Pai Celeste. Ainda que se omita — Deus conhece tudo e todos — pode chegar a muitos homens com fé. Lembrem-se deste amigo!

Finalmente, de novo o Porto com 20\$00 «pela saúde do meu filho». É a «Viúva do Porteiro» com uma nota pequena, mas de valor incomensurável. Traz moléculas de eternidade! Um abraço, velha amiga.

Os donativos devem ser remetidos à Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Lar Operário em Lamego

Foi muito apreciada a Festa que os Gaiatos de Paço de Sousa vieram aqui realizar. Há coisas que por se repetirem com frequência, mesmo que sejam agradáveis, acabam por se tornar indiferentes. Até o bem chega às vezes a cansar. Temos ouvido dizer que não há bem que sempre dure, e que há pessoas que não podem com o bem. Podia acontecer o mesmo nos diferentes lugares por onde vão actuando os Rapazes da Obra da Rua. Para já, ainda se encontra o mesmo entusiasmo da primeira hora. A cidade de Lamego mostrou uma vez mais o carinho que dispensa aos Gaiatos.

Aproveitou-se o entusiasmo

para manifestar um desejo que há muito trazemos dentro do peito. No que se refere a pessoas idosas temos encontrado casos difíceis de resolver. Não se trata de pessoas absolutamente pobres de bens materiais, mas de quem chegou quase ao fim da vida sem família e sem possibilidade de pagar o que é exigido por casas que não são asilos. Têm umas pequenas economias, ou algum «fiozinho» mensal de poucos escudos que não chega para alimentar e muito menos pagar a alguém que olhe por elas. Além disto a sua educação, e o modo como viveram sempre, não se ajusta ao ambiente actual de asilados. Pretendia-se em Lamego um Lar onde existisse em cheio a maneira de viver em família. As regras, ou disciplina, ou normas da Casa, seriam as que existem entre pais e filhos, ou melhor ainda, entre irmãos mais velhos.

Pode alguém julgar que isto seja sonho irrealizável, ou projectos de quem não vive com os pés na terra. Está enganado. Há já em localidades casas deste género. Aqui, bem perto de nós, em Fontelo de S. Domingos, há um pequeno Centro de Assistência que recebe naquelas condições senhoras que não podem trabalhar. Para começarmos pouco mais seria preciso do que uma moradia própria ou que aparecesse quem tomasse à sua conta a respectiva renda.

Tudo isto foi dito na Festa dos Gaiatos e sabemos que alguns ouviram e nos animaram a prosseguir. Há já várias promessas de cooperação; escreveram-se cartas; fizeram-se pedidos e há pessoas idosas à espera de que se abram as portas. Aguardamos agora a opinião favorável, ou desfavorável, dos nossos leitores.

Padre Duarte



PATRIMONIO DOS POBRES

Cont. da PRIMEIRA página

e resolvê-lo concretamente sempre pertencerá à comunidade paroquial responsável que o contém. Mas há que encontrar caminhos de futuro e princípios de solução, sobre os quais todos ficámos de reflectir.

Uma certeza, porém, todos trouxemos e eu trouxe-a mais forte: O erro no dar por Caridade o que é devido por Justiça. Foi assim com muitas Famílias que hoje são caso. Muitos filhos, todos pequeninos, poucos ganhos... — daí dar-se àquela Família normalmente constituída, cujo chefe deveria encontrar na estrutura social a que pertencia o pão, a casa, o vestuário, a educação, as condições de saúde, suficientes para os seus, dar-se-lhe o usufruto gratuito de uma casa a que entretanto se habituou e que lhe custa deixar, mesmo sem tanto dela agora precisar como naquele tempo.

Aliás, este critério de entrega, usado em muitas freguesias, foi um desvio da intenção de Pai Américo ao conceber o Património destinado aos indigentes. Aos que podiam

algo por si mesmos, sempre os ajudámos, como ainda agora, na renda ou, sobretudo, a construir uma casinha para si e para os seus.

Este parece ser na maioria dos casos o caminho a seguir. E, de facto, é o que temos seguido, quase exclusivamente, nos últimos anos. Por isso, pedimos tantas vezes já, aos que alimentam com o seu amor-fraterno este fundo do Património dos Pobres, que se desprendam daquela ideia antiga do seu donativo ser para uma casa com placa e um nome, para nos permitirem repartir em migalhas mais pequenas, mas mais numerosas e sempre eficientes, o que põem em nossas mãos.

Assim tem sido, graças a Deus. Assim tem de ser.

E, já agora, comunico com muita alegria que acabei há pouco de esvaziar a grossa pasta de pedidos destes, que aí se juntaram, durante a minha ausência em África. Fiquei a ver o fundo aos fundos do Património. Aguardamos, pois, chuva miudinha mas persistente, que mantenha equilíbrio com o caudal das solicitações.

Pessoa que nos merece todo o respeito contou-nos há pouco a triste história que se segue:

A mãe de uma jovem universitária, ante o aspecto doentio da filha, resolveu levá-la ao médico. Consultado este, o diagnóstico foi fácil de formular: «A sua filha está grávida». Apesar da angústia que a invadiu, a mãe não quis escorregar a filha, no que procedeu com toda a sensatez. Encarando as realidades de frente, procurou o mal menor, dado que a geração espontânea ainda continua por provar e a inseminação artificial causa ainda repugnância, pelo menos entre nós, aos seres humanos. Quem era o pai do filho que trazia no ventre, para poderem tratar de possível casamento? — perguntou na sua boa fé. A resposta veio fria e cortante: «Eu sei lá! Olhe, é filho da malta»

A vida, com os seus acontecimentos e as suas surpresas, está sempre a dar-nos lições. O que nunca tínhamos ouvido da boca de ninguém é que se pudesse ser filho da «malta»! E como temos entre os Rapazes à nossa guarda mais de 30 de que não conhecemos pelo menos um dos progenitores, quase nos apetecia dizer-lhes: «Eureka, Moços, já tendes pais: sois filhos da «malta» e portanto, não precisais de estar aqui, pois tendes quem olhe por vós!» Não o fazemos por respeito e porque temos por lema não brin-

Aqui Lisboa

car com coisas sérias. Bem basta a sua condição de vítimas inocentes de crimes ou fraquezas de que outros foram os autores.

O que pretendemos caríssimos leitores? Alertar as consciências e pôr de sobreaviso os pais e os jovens contra o surto de insensibilidade moral que vai grassando por todos os lados, minando os estelos mais sólidos da sociedade. E, como

disse o Sumo Pontífice, «devemos convencer-nos de que a grande transformação da História que se desenrola diante dos nossos olhos, e para a qual podemos dar o nosso contributo, não consistirá unicamente numa transformação de Técnica económica. A dimensão moral e espiritual continua decisiva». (O sublinhado é nosso).

Padre Luís

DOUTRINA

Cont. da PRIMEIRA página

Eu sei que mata! Mata!... — e deixa-se morrer, como quem sabe que a vida sempre nascerá da morte da semente.

O homem inquieto traz, em si, pois, sementes da Vida e ele próprio, ao abraçar irreversivelmente a inquietação, se torna semente de Vida.

Ainda que interrogações se levantem até ao fim em cada curva da vida, o homem inquieto, ao decidir nunca se render diante delas, venceu definitivamente a perplexidade e sabe com certeza que não é Quixote investindo contra moinhos de vento! Aliás, ele nunca investe contra... mas em profundidade, faminto da Verdade, na busca do Caminho, ansioso de Vida.

Divina compensação, pois, o desabafo desta Irmã! Enquanto «O Gaiato» «deixar (nas pessoas) uma inquietação enorme», está na linha de Salvação que Deus nos traçou. O «Desordeiro»! O «Revolucionário»! O «Inquietador»!

Claro que ele inquietará na medida da inquietação sofrida pelos pobres obreiros que Deus lhe marcou. Por isso, bendito seja Deus, pela inquietação que sempre nos consome! Bendito seja pela inquietação que fere alguns dos nossos mais capazes de interioridade e de aprofundamento. É sangue que fomenta Vida!

Bendito seja Ele, pelas certezas com que nos confirma, pela luz com que nos purifica, pela alegria com que nos sustenta!

Resposta imediata

Após uma ausência, em serviço, deparámos com um recado na mesa de trabalho: «Entre as 9 e as 10 h. telefona para o n.º X, do Porto, que o sr. Y tem um recado urgente para ti...».

Fizeram-se prognósticos. «Deve ser por causa do pedido da fotocopiadora»...

Pegámos no telefone. Marcámos o número. Surge uma voz feminina.

— Bom dia...

— É da Casa do Gaiato. Faça o favor de chamar o sr. Y. Aparece. Voz de trovão!

— O Casal que, em tempos, vos deu uma grande remessa de lençóis e cobertores, leu «Um pedido», no Jornal de 18 de Março, e quer oferecer a fotocopiadora...

Ficámos suspensos. Apurámos mais o ouvido, procurando sufocar a habitual sinfonia estridente dos grupos ocupados na expedição do «Famoso» e do «Isto é a Casa do Gaiato»; ainda que a gritaria do «Recocheco» fôsse — como tantas vezes é — de nos prostrar!

— Há três modelos, continua o nosso interlocutor. Mas, para o vosso serviço, acho que serve a 3 M modelo 151...

O prognóstico do recepcionista bateu certo. Era a fotocopiadora!

Conversámos, ainda, mais uma ou duas vezes, com o mandatário, para assentarmos ideias. Entretanto, marcámos encontro; dia, hora e local. Foi connosco o Padre Carlos. E, também, o Abel — que se prepara para abraçar o sacerdócio dos sem-eira-nem-beira, na Obra da Rua.

Enquanto esperámos o sr. Y, no estabelecimento, fomos passando os olhos e as mãos — como os «batatinhas» — em mini-calculadoras, máquinas de dactilografia electrificadas, etc. Maravilhas da época e da técnica. Não sem mirar e remirar, com interesse, a fotocopiadora...

Ele chega. Nós é que nos

Cont. na QUARTA página



O filho do João da Rocha, radicado em Lourenço Marques.



A Família cresce

O filho do Alberto Ramada, ora em Cacia.



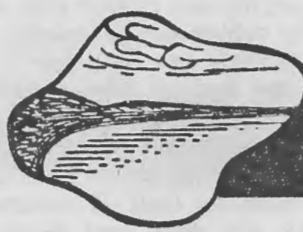


Não se admirem do meu silêncio! O vagar é tão pouco, e o tempo foge sem darmos por ele! Mas sempre que posso lá vai uma noticiuzinha da nossa e vossa casa, que se chama **Casa de Jesus Misericordioso, de Ordins — Lagares — Douro**. Isto, é para os novos assinantes, que nos desconhecem por completo. Para os outros só tenho que agradecer, e louvar a Deus, por não nos esquecerem, com as suas encomendas e donativos, embora sejam muito poucos. Alguns vêm por intermédio da Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Temos cinco Pobres ao nosso cuidado, não internos, mas que precisam de todo o nosso carinho e ajuda material. Por isso, peço àqueles que vivem bem instalados na vida que nos ajudem, para melhorarmos um pouco a sua dor. Pois tudo

quanto aqui vem ter, é de gente pobre ou remediada, mas que sente as necessidades dos outros, e não dão mais porque as suas possibilidades são poucas. Lembrem-se que fazendo aos outros, a si mesmo o fazem. A esmola dada pelo amor de Deus, não fica sem recompensa.

Agora, vamos às nossas encomendas. Este ano, foram já trabalhos nossos para as seguintes localidades:

Lisboa, 6 camisolas. Ermesinde, 3 colchas em lã e algodão, feitas no tear, cujo preço é o seguinte: cama de solteiro 350\$00 e medem 2,50 x 1,60; de casal, 600\$00 e medem 2,50 x 2,10. Porto, uma colcha. Foz do Douro, dois chales e oito colchas de solteiro. Vila Nova de Gaia, duas mantas de tiras. Elvas, duas capas, e três pares de soquetes para dormir. Beira Baixa, um casaco de malha, e uma echarpe. Paço de Arcos uma encomenda de vários trabalhos, com promessa de voltar. Lisboa, quatro casacos e uma echarpe. Porto, duas echarpes. Uma senhora em Setúbal vai vendendo artigos nossos na sua loja. Lisboa, novamente com casacos, camisolas, chales, mantas de viagem em lã, e mantas de tiras, tudo para uma senhora que, decerto, é para distribuir pelos seus protegidos.



SETUBAL

O Abel, o Quim, o Emiliano e o Teodoro foram a semana passada para a tropa. Esperam o ingresso breve na vida militar o Dâmaso mais o «Charrua». A tropa aparece numa altura em que nos leva os melhores Rapazes, os mais amadurecidos, os já homens. Parece que nos devíamos habituar na aceitação simples de factos que se não discutem. Mas não. Sofremos e sofremos e sofremos. Eles levam-nos parte da alma.

Somos uma Obra de Rapazes, para e pelos Rapazes. Em Setúbal, apenas um Rapaz veio de Paço de Sousa se comprometeu e tem vivido esse compromisso com a Obra: o Ernesto. Assim toda a montagem da vida assenta nos Rapazes em formação. Nós agar-

ramo-nos aos mais velhos como esteios e como cireneus. Ao vê-los partir sofremos não somente a sua falta, mais ainda o peso da cruz que se torna momentaneamente mais abafante.

Virão outros, dirá o leitor. É certo. Virão outros; mas para que eles se consciencializem da sua responsabilidade quanto não temos de sofrer de novo!

Em Julho passado, partiu para o Ultramar o Barbosa, em Setembro o Lemos, em Março o Américo Correia e em Abril o João (Bonanza). Estavam lá o Rogério e o Paulo.

x x x

As nossas Festas voltaram a ser reuniões de amigos em que os Rapazes e nós fomos acarinhados. Nunca em Setúbal se tornou tão notório o interesse pela Festa como este ano. Os órgãos de informa-

ção, desde a imprensa local ao Club Radiofónico de Portugal no seu programa tão apreciado «Horizonte para além da Ponte» rodearam-nos de atenções e esforçaram-se para que a atenção dos setubalenses se voltasse para esta Obra.

O nível artístico dos Rapazes não foi alto, mas o calor do público superou. Aguardemos o ano que vem e espere-mos mais entusiasmo e melhor organização no programa e nos artistas. A festa de Setúbal, no Luiza Tody onde a Empresa suportou todas as despesas e impostos, deixou-nos 35.101\$60.

A festa de Palmela deu 14.307\$50.

Demos graças a Deus.

Padre Aclio

Por hoje tenho de pôr ponto final. O espaço no «Famoso» é reduzido.

Maria Augusta

EM DISTRIBUIÇÃO

A reedição do segundo volume do «Isto é a Casa do Gaiato»

«Os casos de que o livro fala, já passaram. São d'ontem. Mas, hoje, fazem rir e chorar. E que são feitos de vida! A vida é mesmo aqui-lo: rir e chorar. A vida não é perfume; é sangue.»

PAI AMÉRICO

A nota de abertura, que aí vai destacada, é uma síntese antológica do «Isto é a Casa do Gaiato».

E quem diria melhor do que Pai Américo, cuja alma pulsa ao vivo nos casos de vida real desta colecção — autêntica obra-prima dos seus talentos de Pai dos filhos-sem-pai e de Escritor emérito?

Ainda não motivámos — com o segundo volume — os senhores chamados críticos literários. Estamos servindo os assinantes da Editorial. Na época dos ordenadores há que seguir ordenadamente...

Será que os mentores ou monopolistas do pensamento literário se interessam mais com as suas capelinhas? Pergunta escusada! Foi à conclusão que chegámos, o ano passado, pelo silêncio quase total ao nosso convite para

«apreciação literária» do primeiro volume. Estou a ouvir Pai Américo: «Não te incomodes. Perdes tempo. Eles não intendem... O livro é escrito em pretuguês do Bié...»

• CORREIO DOS LEITORES

Deixemos essa gafe — que define a vista curta dos prémios-nobel deste canteiro à beira-mar, prantado (como diria a nossa amiga ti Maria, de Ordins) no extremo sudoeste duma Europa quase sem fronteiras — e vamos dar notícias do Povo, sem distinção de raças, classes ou crenças, que mastiga o «Isto é a Casa do Gaiato» com os olhos do corpo e da alma.

Ouçam Minde:

«Todas as leituras do santo Padre Américo são mimos literários e motivo de meditação para este mundo conturbado e falto de consciência. Eu leio e releio e tudo é novo.»

Motivo: «Os casos de que o livro fala... são feitos de vida».

D'alma aberta e mãos postas, debrucemo-nos nesta legenda de Lisboa:

«Peço muita desculpa de ter deixado passar quase uma semana sem ter cumprido o dever de satisfazer a minha dívida pelo envio do 2.º volume do

«Isto é a Casa do Gaiato». Agradeço reconhecida, os bons momentos, quase únicos nesta altura da minha vida, pois é a última leitura que faço, antes de adormecer...»

Agora, façamos um pouco de alpinismo — dando um salto à bela Covilhã:

«Junto a importância de 150\$00 que se destinam à minha assinatura — que não sei se está atrasada — e ao livro «Isto é a Casa do Gaiato»... onde a alma se delicia na doce contemplação e meditação das mágicas palavras do sempre lembrado Pai Américo.»

E temos de parar em Rio Tinto:

«Sou a assinante n.º 30.029 que vos quer agradecer o 1.º livro do «Isto é a Casa do Gaiato»... Pelo que li no «Famoso», está para sair o 2.º volume, o qual também já pedi, para uma prenda d'anos que eu quero dar; mas fica cá em casa, tal como o outro. Não me canso de o ler! E até há dias, estando a lê-lo a uma netinha de 5 anos que me pediu que o fizesse, disse-me no fim da leitura que ouviu embevecida: «Ai vóvó, que lindo, que bonito! Sabe, quando eu souber ler vou lê-lo sôzinha; e quando for senhora casada, vou lê-lo aos meus filhos»... Fiquei espantada. Tenho que me pre-

venir já para os meus bisnetos...»!

• UMA CHUVA DE POSTAIS REQUISICÃO

Parabéns! Estreitamos os nossos braços — com amizade — a todos os leitores que, não pertencendo à família de assinantes da Editorial, se dispuseram agora, pelo seu punho, a inscrever-se, remetendo o prático postal-requisição devidamente preenchido; e respeitando as instruções aconselhadas: letra bem legível, nome e morada exactamente igual ao endereço do seu jornal, no caso de o receberem quinzenalmente pelo correio, etc.

Os postais amarelo-canário são presença farta em nosso correio. E distinguem-se da restante correspondência. São labaredas que — apesar do natural silêncio do texto estereotipado — projectam muito calor espiritual.

Muitos não se contentam — e muito bem — só com o 2.º volume do «Isto é a Casa do Gaiato»! Pedem outras obras disponíveis: 1.º volume do mesmo título, «Porta Aberta», «Pão dos Pobres», etc. Outros vão ainda mais além; pedem todas as obras disponíveis! E não são poucos.

Ficamos por aqui. Os senhores não percam o entusiasmo. E aproveitem a maré. Estamos prontos a servir, consoante a ordem de chegada e o despacho dos exemplares para os assinantes há muito inscritos. É uma questão de tempo. O Veiga está ao meu lado agarrado às capas e ao pincel da cola. O «Eusébio» e seu grupo à sacaria. Não temos tempo de perder tempo!

Júlio Mendes

Visado pela CENSURA

Resposta imediata

Cont. da TERCEIRA página

adiantámos! E após uma oportuna troca de impressões, e de explicações de ordem técnica, manda-nos ligar a ficha; convidando-nos, por fim, a «aprender, fazendo». Artista que sabe do seu ofício!

O nosso Padre Carlos não resistiu. Parecia um menino feliz, que recebera o brinquedo mais suspirado! Abel era um calmo assistente, de olhos fixos à simplicidade das operações.

A 3 M já está ao serviço. E poupa-nos muitas horas úteis, em benefício doutros postos da nossa barca. Um muito obrigado, do coração, para o Casal dos lençóis e cobertores e agora da fotocopiadora.

Cremos, no entanto, que este anónimo e, por isso, feliz Casal do Porto, que lê o «Famoso» de fio a pavio, terá ainda o prazer — lá mais para diante — de nos safar doutro problema material e funcional (talvez o mais importante, actualmente) da nossa Aldeia de Paço de Sousa... Demos tempo ao tempo!

Júlio Mendes

